

OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A TEORIA DO IMPERIALISMO

GUILHERME AUGUSTO CABREIRA¹; TIARAJU SALINI DUARTE³

¹Universidade Federal de Pelotas – cabreiragui@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tiaraju.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O contexto histórico referente a virada do século XIX para o XX representou a consolidação de um novo estágio de desenvolvimento do capitalismo. Este sistema passa a se estruturar através de novos padrões organizativos, alterando significativamente as dinâmicas de funcionamento do sistema socioeconômico vigente e reestruturando as relações econômicas a nível internacional. Este "novo" estágio foi definido por Lênin (2010) como imperialismo, configurando-se como a etapa superior de desenvolvimento do capitalismo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que as transformações econômicas que marcam essa nova fase histórica concentram-se em torno da esfera produtiva, na medida em que o grau de produção torna-se gigantesco a ponto do processo de livre concorrência ser substituída pelo monopólio, característica essencial para o funcionamento do capitalismo em sua fase imperialista. Algumas expressões desta nova etapa podem ser observadas através das seguintes questões: (I) Empresas multinacionais que foram muito além de suas fronteiras territoriais, organizando sua produção em escala global e monopolizando setores produtivos inteiros (vide Nestlé, Unilever, Ambev entre outros); (II) A hegemonia do capital financeiro e a financeirização da economia mundial; (III) a exportação de capitais na forma de capital dinheiro e na forma de empresas através da produção mundial de mercadorias e (IV) surgimento de novas formas de exploração entre os países, como a questão da dívida externa e da dependência tecnológica dos países da periferia do sistema.

Neste contexto, o desenvolvimento deste trabalho consiste em uma revisão teórica sobre o conceito de imperialismo, baseando-se em colaborações que versam sobre o processo dentro de perspectivas que dão enfoque ao processo histórico de desenvolvimento e análises que buscam compreender essa questão na contemporaneidade. O objetivo geral do trabalho é analisar as diferentes abordagens sobre o conceito de imperialismo, buscando compreender os elementos que constituem cada perspectiva. As contribuições partem de uma perspectiva multidisciplinar, abrangendo campos variados das ciências humanas, que apresentam perspectivas particulares no que refere-se ao conceito analisado.

Tal proposta consiste em um recorte analítico da dissertação intitulada Geopolítica do imperialismo: o processo neoliberal de privatização do território brasileiro no período de 1995 à 2003, que encontra-se em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Por tratar-se de um trabalho eminentemente teórico, utilizamos como recurso metodológico a análise de conteúdo de BARDIN (1982) estratégia que nos possibilita extrair a essência da definição do conceito de imperialismo de cada artigo que selecionamos para analisar em nossa pesquisa, para que, em uma segunda etapa, possamos confrontar as diferentes concepções. Selecionamos um

total de dez artigos, utilizando como ferramenta de busca as plataformas Scielo e Periódico Capes, através de palavras-chave centrais da dissertação em que esta pesquisa faz parte, sendo elas, respectivamente: Globalização; Imperialismo; Neoliberalismo; Geografia e Teoria Marxista e Centro-periferia.

As variáveis que procuraremos analisar das referências buscam evidenciar a compreensão sobre o que é o imperialismo e se existe um papel desempenhado por este processo na estrutura de funcionamento do modo de produção capitalista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso ponto de partida foi marcado pela análise do artigo de LEITE (2014) que consistia em analisar criticamente as diferentes teorias do imperialismo, da clássica a contemporânea, entretanto, sua definição de base sobre o conceito de imperialismo tem como referência a obra de Lênin, definido na literatura como uma teoria clássica. O grande desafio desta teoria consiste em “caracterizar o estágio atual de acumulação capitalista e, a partir disso, qual a natureza, os limites e as implicações dessa fase contemporânea” (LEITE, 2014, p. 510). Para ele, os cinco traços que definem sinteticamente o imperialismo são: (I) Concentração da produção e do capital; (II) Fusão do capital bancário com o industrial, gerando o capital financeiro; (III) Exportação de capitais superando as mercadorias; (IV) Formação dos monopólios internacionais e (V) Partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas.

DUMENIL e LÉVY (2007) por sua vez buscam analisar o imperialismo na era neoliberal, que nessa concepção é caracterizado pela hegemonia dos Estados Unidos, que drenam enormes fluxos de capitais do resto do mundo. Trata-se, portanto, de uma atualização da teoria, colocando em evidência a centralidade norte americana como grande centro político e econômico do mundo, cuja imperialismo pode ser compreendido como a capacidade dos países avançados de extrair lucros do resto do mundo através da violência econômica.

Dando continuidade ao movimento de renovação, (MUSSE, 2014) demonstra as contribuições do geógrafo David Harvey, na medida em que ele retira das teorias clássicas de LENIN (1986) e LUXEMBURGO (1976) o arsenal necessário para a formulação do conceito de novo imperialismo, que consiste em um processo de acumulação interminável de capital que configura historicamente e geograficamente o capitalismo ao longo da história, combinando estratégias políticas, diplomáticas e militares para garantir a acumulação por espoliação.

A discordância de Harvey com relação a teoria leninista situa-se sobre a afirmação de que o imperialismo seria o estágio final do capitalismo, já que HARVEY (2014), assim como ARENDT (1951) enxergam o fenômeno como o primeiro estágio de domínio político da burguesia.

BARBOSA (2009) por sua vez, apresentava visões sobre o conceito que se encontravam fora do campo do marxismo, nos apresentando outras perspectivas, sobretudo SCHUMPETER (1961) e ARENDT (1951). Para Schumpeter, o imperialismo surge como uma disposição, sem objetivo, da parte de um Estado, de expansão ilimitada pela força, processos que desaparecem e ressurgem ao longo da história, logo “o ponto central da “construção” schumpeteriana: o imperialismo é resultante de um caráter atávico. São características que acompanham a evolução de alguns povos desde épocas distantes”. (BARBOSA, 2009, p.154)

A visão de Schumpeter (1961) parte de uma crítica velada as posições marxistas e uma defesa do modelo capitalista, pois acredita ser falacioso colocar o imperialismo como uma etapa do capitalismo, defendendo a existência de uma

oposição básica entre ambos os processos. Arendt, por sua vez, compreendia o imperialismo enquanto um processo de emancipação política da burguesia, sendo um conceito essencialmente econômico, já que se busca através de tais práticas o crescimento industrial e do comércio.

A principal colaboração de Arendt para os estudos do imperialismo consiste na sua ideia de que o capitalismo gera naturalmente excesso de poupança devido à má distribuição de renda e riqueza, possuindo utilidade somente se aplicado no exterior. O segundo fator é o “reconhecimento de que o imperialismo surge como solução às próprias crises do capitalismo e da necessidade de novos mercados externos não saturados e de estrutura não capitalistas.” (BARBOSA, 2009, p.150).

Por sua vez, AMIN (2005) oferece uma síntese das características do imperialismo em seu terceiro momento, que se inicia em meados do século XX e ganha características novas com o fim da União Soviética e dos populismos nacionalistas do terceiro mundo. Existe uma convergência entre ele, Harvey e Arendt, na medida em que, para ele, o imperialismo não é o estágio superior do capitalismo, mas sim uma parte integrante fundamental do modo de produção, responsável pelo saque das riquezas do planeta, deste modo, muda-se a forma, mas os interesses permanecem os mesmos.

No que tange a América Latina, temos as contribuições de XAVIER; HOVELER (2018; 2017) argumentando que o imperialismo enquanto fenômeno político e econômico se transformou devido às condições específicas para a sua reprodução encontrada na América Latina, África e Ásia (economias periféricas ou dependentes). Desta forma, o imperialismo e suas relações permeiam as economias dependentes, constituindo-se como um elemento estruturante do Estado, das relações, sociais, políticas e culturais.

4. CONCLUSÕES

Ao longo do texto procuramos avaliar qualitativamente os estudos sobre o imperialismo em suas múltiplas facetas, abrangendo áreas variadas das ciências humanas e diferentes espectros ideológicos de análise. Neste sentido, observou-se ao longo das consultas teóricas a predominância quantitativa de estudos sobre a temática do imperialismo com orientações marxistas e neo-marxistas que apresentavam diferentes compreensões sobre o conceito no passado e na contemporaneidade.

A principal divergência encontrada se deu entre as teorias clássicas e as novas teorias do imperialismo, concentrando-se sobre as explicações relacionadas aos processos de crises de acumulação do capitalismo, no qual existe um distanciamento de David Harvey com as formulações clássicas.

O citado autor também diverge de Lênin (1986) no que diz respeito à natureza da definição do imperialismo, que é considerado na teoria clássica como o estágio político e econômico superior do capitalismo. Neste sentido, a compreensão do geógrafo vai na contramão, na medida em que considera o conceito como o primeiro estágio de domínio político da burguesia, existindo uma confluência com a teoria de Hannah Arendt (1951), autora que se encontra em um espectro político-ideológico fora do campo do marxismo.

Com relação a Schumpeter (1961) e Hannah Arendt (1951), autores não marxistas, podemos concluir no primeiro caso que existe o emprego de um grande esforço para desconstruir a noção do imperialismo como uma manifestação político-econômica das relações de expansão do capitalismo, argumentando que o desenvolvimento pleno do modo de produção seria capaz de frear o

desenvolvimento do imperialismo. Arendt (1951) vai na contramão, na medida em que reconhece que o conceito surge como solução objetiva para os problemas relacionados as contradições do processo de acumulação do capital, leitura que possui muitas afinidades com as noções marxistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIN, S. O imperialismo, passado e presente. **Revista Tempo**. vol.9 n.18 Niterói Jan./June 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-7042005000100005
- ARENDT, H. (1951). **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DUMENIL, Gérard. LEVY, Dominique. Neoliberalismo: neo-imperialismo. **Economia e Sociedade** [online]. 2007, vol.16, n.1, pp.1-19. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-06182007000100001&script=sci_abstract&tlng=pt
- BARBOSA, G. G. IMPERIALISMO, CAPITALISMO E BURGUESIA REVISITANDO AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE JOSEPH SCHUMPETER E HANNAH ARENDT. **Colombia Internacional** [online]. 2009, n.70, pp.145-165. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-56122009000200007&script=sci_abstract&tlng=es
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HOEVELER, R. C. Imperialismo e dependência versus interdependência: o lado silenciado de um embate teórico. **Estudos Internacionais**. Revista De relações Internacionais Da PUC Minas, 5(3), 35-51. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/15221>
- LEITE, L. M. Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica. **Economia e Sociedade**. [online]. 2014, vol.23, n.2, pp.507-534. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-06182014000200507&lng=es&nrm=iso&tlng=pt
- LENIN, V. I. (1986). **O imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Alfa Omega.
- Luxemburgo, R. 1976. **A acumulação do capital. Estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- MUSSE, R. DAVID HARVEY: PARA ALÉM DE UMA GEOGRAFIA DO CAPITAL. **Sociologia & Antropologia**. vol.4 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752014000100055&lang=pt
- SCHUMPETER, J. A. **Imperialismo e classes sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- XAVIER, G. L. O imperialismo na América Latina e a atualidade da Teoria Marxista da Dependência. **Rev. katálysis** vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/xmKNmDJTcyk85sMLkkDjcvn/abstract/?lang=pt>